

Outubro: custo da cesta básica fica menor em 12 capitais

Em outubro de 2023, o valor do conjunto dos alimentos básicos diminuiu em 12 das 17 capitais onde o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. As quedas mais importantes ocorreram em Natal (-2,82%), Recife (-2,30%) e Brasília (-2,18%). As altas foram registradas em Fortaleza (1,32%), Campo Grande (1,08%), Goiânia (0,81%), São Paulo (0,46%) e Rio de Janeiro (0,17%).

Porto Alegre foi a cidade onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R\$ 739,21), seguida por Florianópolis (R\$ 738,77), São Paulo (R\$ 738,13) e Rio de Janeiro (R\$ 721,17). Nas capitais do Norte e do Nordeste, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram registrados em Aracaju (R\$ 521,96), João Pessoa (R\$ 554,88) e Recife (R\$ 557,10).

A comparação dos valores da cesta, entre outubro de 2022 e outubro de 2023, mostrou que 12 capitais tiveram redução do preço médio, com destaque para Brasília (-7,34%), Campo Grande (-6,91%) e Goiânia (-5,88%). Outras cinco cidades tiveram variações positivas: Salvador (0,09%), Aracaju (1,25%), Natal (1,52%), Belém (2,88%) e Fortaleza (4,23%).

Nos 10 meses de 2023, o custo da cesta básica diminuiu em 16 municípios, com taxas entre -11,12%, em Brasília, e -0,38%, em Natal. A alta foi registrada em Aracaju (0,17%).

Com base na cesta mais cara, que, em outubro, foi a de Porto Alegre, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em outubro de 2023, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria ter sido de **R\$ 6.210,11** ou 4,70 vezes o mínimo de R\$ 1.320,00. Em setembro, o valor necessário era de R\$ 6.280,93 e correspondeu a 4,76 vezes o piso mínimo. Em outubro de 2022, o mínimo necessário deveria ter ficado em R\$ 6.458,86 ou 5,33 vezes o valor vigente na época, que era de R\$ 1.212,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil – outubro de 2023

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
Porto Alegre	739,21	-0,34	60,54	123h12m	-3,45	-3,85
Florianópolis	738,77	-1,19	60,51	123h08m	-3,95	-2,00
São Paulo	738,13	0,46	60,45	123h01m	-6,72	-3,16
Rio de Janeiro	721,17	0,17	59,06	120h11m	-4,19	-2,05
Campo Grande	682,97	1,08	55,94	113h50m	-8,23	-6,91
Vitória	675,16	-0,99	55,30	112h32m	-7,36	-4,61
Curitiba	675,01	-0,91	55,28	112h30m	-3,39	-3,06
Fortaleza	648,93	1,32	53,15	108h10m	-0,77	4,23
Brasília	647,76	-2,18	53,05	107h58m	-11,12	-7,34
Goiânia	636,07	0,81	52,09	106h01m	-9,73	-5,88
Belém	632,92	-0,10	51,84	105h29m	-1,02	2,88
Belo Horizonte	627,72	-0,96	51,41	104h37m	-9,85	-5,23
Natal	582,12	-2,82	47,68	97h01m	-0,38	1,52
Salvador	563,10	-1,39	46,12	93h51m	-1,33	0,09
Recife	557,10	-2,30	45,63	92h51m	-1,41	-0,23
João Pessoa	554,88	-1,37	45,44	92h29m	-1,24	-0,84
Aracaju	521,96	-1,95	42,75	86h59m	0,17	1,25

Fonte: DIEESE

Cesta x salário mínimo

O tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica passou de 108 horas e 02 minutos, em setembro, para 107 horas e 17 minutos, em outubro. Em outubro de 2022, a jornada média foi de 119 horas e 37 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto de 7,5% referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu em média, em outubro de 2023, 52,72% do rendimento líquido para adquirir os produtos alimentícios básicos, e, em setembro, 53,09%. Em outubro de 2022, o percentual ficou em 58,78%.

Comportamento dos preços dos produtos da cesta¹

- Os preços médios do **leite integral** diminuíram em 15 capitais, entre setembro e outubro. As quedas oscilaram entre -6,90%, em Curitiba, e -0,51%, em Recife. As altas ocorreram em Fortaleza (0,98%) e Belém (0,28%). Em 12 meses, os valores caíram em todas as cidades, com destaque para Natal (-22,04%), Aracaju (-20,68%) e Recife (-19,40%). A oferta do produto foi maior, por causa da produção de leite no campo e da importação, o que fez com que os preços diminuíssem no varejo.
- Entre setembro e outubro, o valor do quilo do **feijão cariquinho** diminuiu em todas as cidades onde é pesquisado (capitais do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Belo Horizonte e São Paulo), com variações entre -9,46%, em Belém, e -1,35%, em João Pessoa. Em 12 meses, o valor médio apresentou queda em todos os municípios acompanhados, com destaque para Brasília (-27,34%), Belém (-25,56%), Belo Horizonte (-24,46%) e Fortaleza (-23,54%). Os grãos oriundos da colheita irrigada abasteceram o varejo e houve queda nos valores. O **feijão tipo preto**, cujo valor é coletado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, registrou variações positivas em Curitiba (0,46%) e no Rio de Janeiro (0,14%), e, redução em Vitória (-3,53%), Porto Alegre (-2,36%) e Florianópolis (-1,29%). Em 12 meses, os aumentos variaram entre 0,82%, em Vitória, e 17,49%, em Florianópolis. As importações e os grãos da safra mais recente abasteceram o varejo.
- O valor do quilo do **tomate** diminuiu em 12 capitais, entre setembro e outubro. As variações oscilaram entre -19,55%, em Natal, e -2,71%, em Porto Alegre. Outras cinco capitais tiveram elevações, com destaque para Fortaleza (9,64%), Goiânia (9,62%) e Campo Grande (6,46%). Em 12 meses, o preço médio nas capitais chegou a aumentar 84,02%, em Fortaleza, 53,10%, em Salvador, e 51,06%, em Recife. A menor elevação foi registrada em Florianópolis, 17,59%. O calor intenso maturou o tomate e elevou a oferta no varejo.

1 Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

- O preço do quilo da **batata** aumentou em todas as capitais do Centro-Sul, onde o tubérculo é pesquisado. Entre setembro e outubro, as maiores elevações foram registradas em Campo Grande (30,77%), Rio de Janeiro (29,10%), Belo Horizonte (26,15%), Brasília (25,61%) e Porto Alegre (20,85%). Em 12 meses, todas as cidades tiveram redução acumulada, que oscilou entre -24,07%, em Curitiba, e -7,33%, em Campo Grande. As altas temperaturas e as chuvas trouxeram resultados negativos para a produção nacional de batata, reduzindo a qualidade e fazendo subir o preço no varejo.
- O quilo do **arroz agulhinha** ficou mais caro em todas as capitais, em outubro. As altas mais importantes ocorreram em Florianópolis (9,25%), Brasília (7,35%) e no Rio de Janeiro (6,72%). Em 12 meses, todas as cidades apresentaram elevação de preços e as taxas variaram entre 11,28%, em Belém, e 30,52%, em Florianópolis. A maior demanda externa pelo arroz brasileiro e a desvalorização do real diante do dólar reduziram a oferta e elevaram os preços no varejo.
- O valor do quilo do **pão francês** aumentou em 13 capitais, com destaque para João Pessoa (2,74%) e Florianópolis (1,12%). A maior redução de preços, entre setembro e outubro, ocorreu em Porto Alegre (-2,03%). Em 12 meses, houve variações positivas em quase todas as capitais, exceto em Recife (-0,22%). As taxas variaram entre 1,71%, em Belém, e 8,64%, em Fortaleza. O alto volume de trigo importado, as variações do preço internacional, devido ao conflito da Rússia com a Ucrânia, e as oscilações climáticas elevaram o valor da farinha. Com a pressão desses fatores e demanda maior, o pão francês teve os preços aumentados.
- O valor médio do quilo do **açúcar** subiu em 11 cidades, com taxas entre 0,54%, em Brasília, e 5,41%, em Belo Horizonte. As quedas mais importantes foram anotadas em Belém (-2,67%) e Fortaleza, (-2,28%). Em 12 meses, 12 capitais apresentaram aumentos que ficaram entre 0,28%, em Vitória, e 15,02%, em Florianópolis. As quedas mais expressivas ocorreram em Belém (-5,85%) e Campo Grande (-2,06%). O aumento do preço internacional e a maior exportação reduziram a oferta interna e aumentaram o preço no varejo.

São Paulo

Em outubro de 2023, o custo da cesta básica da cidade de São Paulo (R\$ 738,13) foi o terceiro maior entre as 17 capitais pesquisadas, com variação de 0,46% em relação a setembro. Na comparação com outubro de 2022, o valor da cesta diminuiu -3,16%, e, nos 10 meses de 2023, caiu -6,72%.

Entre setembro e outubro de 2023, oito bens apresentaram alta no preço médio: batata (4,97%), tomate (3,01%), açúcar refinado (2,12%), manteiga (1,71%), banana (1,64%), café em pó (1,22%), arroz agulhinha (1,08%) e pão francês (0,17%). Os valores médios de outros cinco produtos tiveram queda: feijão cariocinha (-4,42%), leite integral (-2,57%), óleo de soja (-0,81%), carne bovina de primeira (-0,57%) e farinha de trigo (-0,51%).

No acumulado dos últimos 12 meses, foram registradas elevações em seis dos 13 produtos da cesta: tomate (35,45%), arroz agulhinha (20,05%), açúcar refinado (6,37%), pão francês (3,51%), banana (2,28%) e manteiga (1,71%). Outros sete tiveram redução no preço médio: óleo de soja (-31,09%), feijão cariocinha (-18,18%), carne bovina de primeira (-13,63%), leite integral (-10,07%), batata (-8,66%), café em pó (-6,13%) e farinha de trigo (-5,00%).

Em outubro de 2023, o trabalhador de São Paulo, remunerado pelo salário mínimo de R\$ 1.320,00, precisou trabalhar 123 horas e 10 minutos para adquirir a cesta básica. Em setembro, necessitou de 122 horas e 28 minutos. Em outubro de 2022, quando o salário mínimo era de R\$ 1.212,00, foram necessárias 138 horas e 21 minutos.

Considerando o salário mínimo líquido, após o desconto de 7,5% da Previdência Social, o mesmo trabalhador precisou comprometer, em outubro de 2023, 60,45% da renda para adquirir os produtos da cesta básica, que é suficiente para alimentar um adulto durante um mês. Em setembro, o percentual gasto foi de 60,18%. Já em outubro de 2022, o trabalhador comprometia 67,99% da renda líquida.